



Percepção estética do envelhecimento feminino

[Artigo 2, páginas de 20 a 37]

O presente artigo é derivado da tese de doutorado em Psicologia Social defendida em 2016. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-08082016-140517/pt-br.php>>





**Gleicimara Araujo
Queiroz Klotz**

*Psicóloga e doutora em
Psicologia Social pelo IP
(USP).*

gleicimara@usp.br



RESUMO

O corpo como corporeidade é a existência subjetiva do sujeito, pois por meio dele que é possível perceber o mundo e relacionar-se com os outros. Ao envelhecer, o corpo sofre inúmeras transformações que envolvem a integridade física, social e psicológica, sendo que para as mulheres as mudanças estéticas são carregadas de sofrimento. Esta pesquisa tem como objetivo analisar como as mulheres percebem esteticamente seus corpos ao longo do processo de envelhecimento. Foi realizada uma pesquisa qualitativa a fim de analisar o discurso de 15 mulheres idosas da cidade de São Paulo. O método de coleta de dados foi por entrevistas de história de vida. A análise dos dados foi feita a partir da análise do discurso. Foi possível perceber que as mulheres formam a representação do corpo-próprio por meio de uma tríplice relação: reconhecimento do outro, reconhecimento pelo outro e autorreconhecimento; na última parte do processo o espelho e as fotografias possuem grande importância. O processo de percepção estética dos objetos estéticos socialmente partilhados dá-se por meio da análise do sujeito a partir de seus padrões estéticos e representação do corpo-próprio; em síntese o sujeito poderá ter quatro respostas possíveis que retornarão em forma de novos objetos estéticos.

Palavras-chave: percepção; corpo; envelhecimento; estética; gênero.

ABSTRACT

The body as corporeality is the subjective existence of the subject, through it it's possible to perceive the world and relate to others. As you get older the body undergoes many changes that involve the physical, social and psychological integrity, and for women the aesthetic changes are fraught with suffering. Therefore this research aims to analyze how women perceive their bodies aesthetically throughout the aging process. A survey was conducted with qualitative bases in order to analyze the discourse of 15 elderly women in the city of São Paulo. Data collection methods were life history interviews. The data analysis was made from the discourse analysis. From the survey results it was revealed that women form the representation of their own body through a threefold relationship: recognition from others, recognition from others and self-recognition; and in the last part of the process the mirror and the photographs are of great importance. The process of aesthetic perception of socially shared aesthetic objects is through the analysis of the subject from their aesthetic standards and representation of their own body: in short the person can have four possible responses that will return in the form of new aesthetic objects.

Keywords: perception; body; aging; aesthetics; gender.

INTRODUÇÃO

O processo de envelhecimento acarreta diversas mudanças que marcam os corpos e exteriorizam a passagem do tempo. Na contemporaneidade essas mudanças são vivenciadas com uma forte carga de sofrimento, há um mal-estar com o corpo envelhecido. Tal processo, em geral tomado a partir de um discurso biológico e medicalizante, teve como consequência a medicalização da velhice, que em última instância visa afastar a doença, promover o controle dos comportamentos e, conseqüentemente, alcançar a longevidade. Esses discursos naturalizam a velhice e propõem uma batalha contra seus efeitos como sendo de ordem individual e acessível a todos. No entanto é preciso destacar que a definição do processo de envelhecimento é complexa, é um processo multideterminado que envolve mudanças biológicas, psicológicas e sociais.

Se o envelhecimento é um processo penoso para os velhos, ele ainda tende a ser mais cruel com as mulheres. Os padrões de exigência são diferentes entre homens e mulheres, sendo mais altos para elas. Daí vem a experiência de desqualificação feminina no envelhecimento. Sontag (1972) afirma que para as mulheres não é permitido envelhecer. A experiência do envelhecimento para a mulher é marcada pela negação da beleza, da sexualidade e do próprio corpo. Decorrente disso, ficam elucidadas tais características nas falas das mulheres entrevistadas que experimentam a solidão e o mal-estar com o corpo. Os discursos sobre os corpos femininos incidem nas falas de forma tirânica, principalmente quanto à vigilância do peso: ser bela é um dos imperativos postos às mulheres. Mas o que é a beleza nos dias de hoje? Ser bela é, acima de todas as características, ser jovem e magra, assim envelhecer não está contemplado nos padrões de beleza atuais.

Dessa forma a relação com o corpo envelhecido é fonte de intenso sofrimento. Mas, para entender esta relação profunda entre mente e corpo, é preciso em primeiro lugar operar um retorno ao corpo, entender o corpo como condição humana: “O homem é indiscernível do corpo que lhe dá espessura e a sensibilidade de seu mundo” (LE BRETON, 2013, p. 11). Por isso o corpo é mais que um aparato, também é mais do que muitas vezes a Psicologia costuma assentá-lo, no lugar do sintoma. É preciso entender que o sujeito é seu corpo e que suas transformações possuem um impacto real em sua subjetividade, bem como em suas relações sociais.



O homem moderno é senhor do seu corpo e o molda como assim o desejar.

O homem moderno é senhor do seu corpo e o molda como assim o desejar. Este imperativo convida a todos a apresentarem a melhor imagem de si; este *self-made man*, ao invés de sentir-se no controle, encontra apenas respostas solitárias para lidar com seu corpo. Daí podemos compreender a corrida a academias, centros de estética, cirurgias plásticas, superexposição em fotografias e redes sociais. Dentro desta nova organização dos corpos proposta pela modernidade, na qual ainda temos as mulheres mais sujeitas aos padrões estéticos, resta nos perguntarmos como se constrói a percepção estética do envelhecimento feminino e quais os impactos em suas identidades.

CORPO

O corpo físico é o sustentáculo dos processos básicos do homem como a percepção e a memória, no entanto, mesmo esses processos possuem um componente social. Em sua teoria da percepção Bergson (1990) afirma que ela está relacionada à noção de espaço, pois uma imagem será percebida na medida em que há a possibilidade de ação sobre ela. Existem também imagens que estão fora do esquema percepção-ação, assim não evocam a ação do sujeito, fazendo parte do Esquema Perceptivo que gera uma representação da coisa. Dessa forma, destacam-se duas memórias: a primeira é a memória hábito proveniente da repetição, do esforço, dos movimentos automáticos, utilitários, um hábito do corpo. A segunda é a memória imagem, que é uma representação, registro na forma de imagens, que se ligam à memória e preservam seu efeito até o presente. No momento em que reconhecemos algo estamos associando uma imagem atual a uma imagem anterior.

A partir do entendimento da relação entre matéria e memória, Ec-léa Bosi (1994) realiza um salto no entendimento da substância social da memória ao esclarecer os quadros sociais da memória, nos quais há um atravessamento da memória individual pelas instituições sociais, assim a memória do indivíduo está relacionada, também, às suas instituições de referência. A lembrança não é autônoma, nem descomprometida, mas sim evocada. “A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI,

1994, p. 55). A lembrança também sofre influência do ambiente, uma vez que a memória individual está ligada à memória do grupo e em um nível acima da memória coletiva.

Para Merleau-Ponty (1945), o corpo-próprio abarca a existência do sujeito no mundo, que se relaciona com objetos, é palco da realidade objetiva e subjetiva de cada um, é a base do conhecimento sobre o mundo, é por intermédio dele que o sujeito apreende a realidade. Quando o sujeito se relaciona com objetos ele se abre para a alteridade, e neste abrir-se para o mundo o corpo se relaciona com outros corpos. Há uma relação intrínseca entre corpo e movimento, pois movimento é a ação do sujeito no mundo (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 195).

Há de se considerar aqui a vivência do homem moderno com o corpo, principalmente entre os homens das sociedades ocidentais, nas quais há uma subutilização do corpo, que não é mais consumido fisicamente, pois agora o corpo sofre o consumo nervoso, por estresse. O acesso às tecnologias, às máquinas e à organização do trabalho diminuíram a quantidade de movimentos realizados pelo corpo. Este empobrecimento da ação “desmantela sua visão de mundo, limita seu campo de iniciativas sobre o real, diminui o sentimento de constância do eu, debilita seu conhecimento direto das coisas e é um móvel permanente de mal-estar” (LE BRETON, 2003, p. 21).

Além de perceber o ambiente e compreender o outro, é por meio do corpo que os sujeitos se expressam, seja pela fala propriamente dita, que é um gesto que dá significado ao mundo, ou pelo próprio corpo. Nesse momento fica evidente a interpenetração da cultura no corpo, não é possível encontrar signos ou reações naturais. “Os sentimentos e as condutas passionais são inventados, assim como as palavras. Mesmo aqueles sentimentos que, como a paternidade, parecem inscritos no corpo humano são, na realidade, instituições” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 257). Pela sua habilidade expressiva, o corpo pode ser comparado à obra de arte; para Merleau-Ponty (1945), a obra de arte tal qual o corpo possuem como características a impossibilidade de separação entre o expresso e a expressão, são um nó de significantes. Se o corpo



A lembrança também sofre influência do ambiente, uma vez que a memória individual está ligada à memória do grupo e em um nível acima da memória coletiva.

e a obra de arte coincidem, não só a obra de arte é passível da experiência estética, mas o corpo também. O corpo percebe sensivelmente outros objetos estéticos, sendo o corpo-próprio mais um desses objetos estéticos.

Na modernidade, com o advento da imagem, as relações de forma e conteúdo são extrapoladas para os corpos, a estetização da vida e o ideal de beleza passam a ser estruturantes do sujeito. A relação do sujeito com o seu corpo passa a ser guiada pelo olhar do Outro: a imagem do corpo torna-se signo primordial que medeia as relações sociais; assim, para manter relacionamentos satisfatórios, os sujeitos subordinam seus corpos às normas estéticas.

No cenário moderno, que tem como consequência a crise de sentido assinalada por Bauman (2005), ao mesmo tempo em que a imagem ganha força, os sujeitos cada vez mais tomam os corpos e sua aparência como lugar privilegiado para a construção da identidade. Le Breton (2013) associa esta relação privilegiada do sujeito com o seu corpo como consequência da estrutura social individualista, pois o corpo é a instância máxima de distinção. Neste sentido, o jogo entre igualdade e diferenciação próprio da identidade pende mais para diferenciação que para igualdade. Em uma sociedade volátil, o corpo é tido como um ponto de apoio no qual o sujeito pode realizar trocas simbólicas e relacionar-se socialmente.

O corpo não é mais um destino imutável, ele é modelável conforme os ditames sociais, o corpo é subordinável à vontade (LE BRETON, 2013). Substituto da pessoa, o corpo é tomado como sinônimo do sujeito, e aqui a forma do corpo passa a ser revestida de conteúdos morais. O sujeito capaz de moldar seu corpo dentro do padrão estético é associado a conteúdos como belo, bom, força, caráter e virtudes não presentes nos que falham nesta tarefa, assim é resultado de seu trabalho e de sua determinação.

Os modelos imagéticos para lapidar o corpo são dados pela mídia. São imperativos estéticos que acabam por controlar, em grande escala, as identificações dos sujeitos. As imagens fornecidas pelas mídias, em sua maior parte, são femininas, o que reflete em um controle maior



Na modernidade, com o advento da imagem, as relações de forma e conteúdo são extrapoladas para os corpos, a estetização da vida e o ideal de beleza passam a ser estruturantes do sujeito.

sobre o corpo da mulher. Houve uma construção do sentido do corpo das mulheres em que, segundo Novaes (2007), na modernidade a feminilidade e a beleza da mulher passam a ser naturalizadas. No século XX, com sua nova ordem moral e de mercado, a mulher torna-se sujeito, porém o trabalho na fábrica desgasta os corpos, que passam a ser substituídos pelas máquinas. Assim, esse corpo que não produz mais passa a ter outra função na cadeia produtiva, a função de suporte para os produtos e torna-se o corpo-consumidor.

O corpo é gerido pelo sujeito, precisa ser transformado, domado. Mas esses modelos sociais são flutuantes uma vez que são baseados nos sentidos e valores do homem moderno, e também não são estáveis, pois a identidade provisória é representada pelo corpo provisório (LE BRETON, 2013). Esta nova forma de se relacionar com o corpo, de controlar, mutilar, modificar e negar sua natureza, nada mais é que uma negação do corpo, que fica evidente na ocultação de tudo que é feio, velho, disfuncional da sociedade. “A imagem da mulher na cultura confunde-se com a da beleza. Este é um dos pontos mais enfatizados no discurso sobre a mulher – a mulher pode ser bonita, deve ser bonita –, do contrário não será totalmente mulher” (NOVAES, 2007, p. 127).

MÉTODO

A presente pesquisa pretendeu captar os sentidos dos fenômenos dos sujeitos implicados por meio de metodologia qualitativa na perspectiva da Psicologia Social, que possui um olhar sobre o indivíduo contextualizado em suas relações sociais, levando em consideração os contextos históricos e culturais. Neste sentido, foi utilizado o método da História de Vida¹, com o objetivo de compreender o fenômeno a partir de um olhar aprofundado em histórias individuais de sujeitos emblemáticos, ou seja, que são capazes de revelar a consciência coletiva de um determinado fenômeno (CIAMPA, 1987). Foram realizadas entrevistas individuais nas casas das idosas a partir de um roteiro semiestruturado, e as perguntas versaram sobre como elas se percebiam na infância, na adolescência, na vida adulta e atualmente. As entrevistas foram gravadas após o consentimento das entrevistadas, e logo em seguida transcritas na íntegra.

A amostra foi composta por grupo de 15 mulheres idosas (acima de 60 anos) moradoras da cidade de São Paulo, escolhidas por meio de amostragem não probabilística do tipo intencional, na qual foram selecionados elementos-chave da população para compreender o objeto de estudo.

1 O artigo é um recorte da tese de doutorado “Percepção estética do envelhecimento feminino” (KLOTZ, 2016, IP/USP) e também teve como método de coleta de dados as fotografias das idosas, que pela limitação do artigo foram suprimidas.



A percepção do corpo é formada por uma construção imaginária, que se dá por meio de um processo contínuo de representações e identificações ao longo da vida, necessitando ser reatualizada.

A análise dos dados foi realizada por meio de análise do discurso, que visa analisar os textos produzidos socialmente que são “enunciados a partir de posições determinadas, inscritos em um contexto interdiscursivo específico e reveladores de condições históricas, sociais e intelectuais” (IÑIGUEZ, 2004, p. 129).

CONSTRUINDO A REPRESENTAÇÃO DO CORPO-PRÓPRIO

A percepção do corpo é formada por uma construção imaginária, que se dá por meio de um processo contínuo de representações e identificações ao longo da vida, necessitando ser reatualizada. Esse processo de reconhecimento se dá por meio de uma tríade: autorreconhecimento, reconhecimento do outro e reconhecimento pelo outro. Essa tríade faz ser o corpo fundamentalmente social. Construir a representação do corpo é um “trabalho psíquico de o sujeito: reconhecer-se nos seus próprios desejos, discriminando o que é seu e o que é do outro e, ainda, buscando meios de satisfação, embora jamais vá alcançá-la plenamente” (PY, 2004, p. 115).

O reconhecimento do corpo-próprio e a criação de uma imagem de si é um processo relacional que depende do contato com o Outro. O Outro como alteridade é aquele que nas relações inclui e exclui, que lança um olhar e esquadrinha o sujeito, e seu olhar nunca é neutro, tem o poder de objetificar o sujeito uma vez que o nomeia. O olhar, o sentido privilegiado na modernidade, sentido capaz de promover um contato e ao mesmo tempo o distanciamento dos corpos, separa o sujeito do objeto e promove a criação do indivíduo (FERREIRA & HAMLIN, 2010; LE BRETON, 2013). Le Breton (2013) ressalta que é o Outro que faz juízo de valor dos corpos, que atribui o significado tanto positivo quanto negativo, mas este é um valor que reflete a influência do ambiente e a história pessoal do sujeito, daí a importância de se analisar a biografia dos sujeitos para compreender a forma com que lidam com seus corpos.

As entrevistadas relataram momentos marcantes em que o Olhar do Outro foi categórico sobre seus corpos desde as primeiras experiências na infância. Como Monica, que chega a dizer que não se sentia

bonita, não tinha liberdade para deixar os cabelos crescerem, ouvia que tinha os dentes tortos e ainda recebia muitas críticas da família. Ao contrário de Suzete, que desde a infância se sentia bonita pois sempre teve avaliações positivas quanto ao seu corpo, como disse: “Eu era daquelas loirinhas que chamavam atenção”. A necessidade de ser bem-vista pelo Outro também é um fator que leva o sujeito a cuidar e às vezes intervir em sua imagem corporal, como quando Esmeralda cuida para não bronzear a pele enquanto trabalha na olaria, para não ser vista como pobre ou negra; neste sentido verifica-se que o corpo contém em si signos de classe e raça/etnia. A mesma questão do padrão estético branco se apresenta nos cabelos: as mulheres entrevistadas que possuem cabelos crespos e cacheados utilizam-se de artifícios químicos (produtos alisantes e relaxantes) ou mecânicos (técnicas de escova e touca) a fim de terem os cabelos lisos, como fica evidente nas falas de Nildéia e Maria Helena.

Também fica manifesto nos relacionamentos afetivos o lugar do olhar do Outro sobre o corpo. O sobrepeso passa a ser um problema para Nildéia quando, depois de viúva, decide relacionar-se novamente. Nesse momento questiona: “*Quem vai desejar um corpo gordo?*”. A partir daí a entrevistada opera mudanças em seu próprio corpo por meio de dietas, exercícios e cirurgias plásticas. Na qualidade de *locus* do desejo, o corpo também pode ser um objeto de vergonha, quando o corpo é percebido de forma negativa, como desajustado, diferente dos padrões. O medo do julgamento, a vergonha fazem com que algumas mulheres evitem se expor. Como no caso de Dirce, que parou de frequentar piscinas e praias por vergonha de usar biquíni; diz que só nadaria novamente se colocasse uma burca para esconder seu corpo. Há também o controle do corpo como no exposto por Nildéia, que engravida na adolescência e precisa escondê-la, ou no caso de Marly, que também sofreu críticas em sua segunda gravidez, não planejada, aos 45 anos, pois já com os cabelos brancos era frequentemente questionada sobre se era avó do bebê. As entrevistadas ainda relatam momentos em que o Outro se posiciona como o detentor do saber sobre os corpos, como por exemplo na situação em que a vendedora afirma que Dirce veste número 52, o que vem atestar seu sobrepeso, uma vez que a vendedora é considerada *expert* no assunto.

A partir dos depoimentos fica evidente a força do reconhecimento pelo Outro na formação da percepção do corpo-próprio, e este discurso age por reificar os corpos, alterando não somente a percepção mas a materialidade destes. As expressões do discurso do Outro sobre

os corpos femininos puderam ser percebidas a partir das seguintes práticas: o Outro é aquele que cria um discurso estético sobre o que é belo e o que é feio; é o Outro quem julga os corpos dos sujeitos; o Outro é que classifica os sujeitos dentro dos padrões estéticos; o Outro é que determina formas de se relacionar a partir dos corpos; o Outro é quem exerce controle sobre os corpos nas dimensões de tempo e espaço; o discurso do Outro detém o saber sobre os corpos.

A segunda parte do processo de formação da imagem de si é o reconhecimento do Outro: por meio da comparação com o Outro ou com as imagens produzidas pela sociedade, o sujeito pode demarcar seu lugar na família e na sociedade. Desde a infância os sujeitos já são capazes de se confrontar com a imagem do Outro e é no ambiente familiar, o primeiro grupo de socialização, que se tem a possibilidade de instaurar o reconhecimento. Como no caso de Denise, que foi marcada pelas comparações com a irmã, a quem a família sempre atribuiu a posição de bela, e conseqüentemente Denise era tida como a desajeitada, a gordinha, de cabelo crespo, a criança difícil. Essas comparações continuam ao longo da vida, como Anita expressa em sua angústia ao ver outras mulheres idosas, às vezes até mais novas que ela, que têm os corpos deformados pelo tempo, como os pés tortos, por exemplo.

Além dos pares, realizamos comparações com modelos midiáticos, como as atrizes e modelos que se tornam parâmetros estéticos, corpos que ocupam o lugar do desejo tanto para homens quanto para mulheres, mesmo sendo corpos forjados para criar uma imagem de consumo. As atrizes que conseguem manter uma aparência jovial, continuam ativas e tornam-se um exemplo de bom envelhecimento. Como um exemplo de mulher que envelheceu bem, Dirce recorda de Hebe Camargo, que segundo ela tinha pernas maravilhosas, lisas, e se entristece ao comparar com as suas. Em seguida contrasta com a atriz Elizabeth Taylor, que segundo ela era uma mulher deslumbrante e hoje ficou “velha, gorda e papuda”. As imagens das atrizes podem ter a seguinte repercussão na vida das mulheres: regulam a relação com seus próprios



... parte do processo de formação da imagem de si é o reconhecimento do Outro: por meio da comparação com o Outro ou com as imagens produzidas pela sociedade, o sujeito pode demarcar seu lugar na família e na sociedade.

corpos, uma vez que representam um ideal a ser alcançado e sinônimo de sucesso, e em geral são fonte de sofrimento; regulam as relações dos outros com os corpos das mulheres, uma vez que essas imagens são analisadas a partir deste parâmetro dificilmente alcançável; estabelecem um modelo de beleza alcançável desde que sejam consumidos os produtos capazes de promover a beleza; quando não representam mais o ideal de beleza mostram que a velhice é inexorável e ao mesmo tempo aproximam a atriz da mulher comum, com suas imperfeições.

E, por fim, o sujeito precisa formar uma imagem de si a partir de um autorreconhecimento, processo que se dá de forma mais lenta e pode sofrer deturpações. O autorreconhecimento pode ser dificultado por alguns fatores como tabu com o corpo, a doença e o trabalho. Presente desde a infância até a velhice, o trabalho marca profundamente os discursos de Cleusa e Lourdes; fica evidente a alienação do corpo pelo trabalho, um empobrecimento dos movimentos e, conseqüentemente, das percepções pelos movimentos repetitivos do trabalho na fábrica e na confecção. Hoje, ainda trabalhando, Cleusa diz não se sentir envelhecendo; mesmo sentindo as mudanças do corpo ela afirma que não tem tempo para se preocupar com isso, pois ainda precisa pagar as contas.

De fato, mesmo que de forma prejudicada, a autopercepção desenvolve-se e ao longo da vida precisa ser constantemente reatualizada pelas mudanças do corpo, sendo que para as mulheres alguns marcos podem trazer mudanças mais difíceis, como a gravidez, a menopausa e o envelhecimento. A imagem idealizada do corpo dificilmente coincide com a real, e mesmo com esta defasagem é importante que, como componente da identidade, a imagem necessite ser sempre reatualizada.

A partir do século XX dois instrumentos vão ser fortes auxiliares no processo de reconhecimento de si; são eles o espelho e a fotografia. As discussões sobre a relação do espelho com o corpo feminino estabelecidas por Nahoum (1979) abrem-nos caminhos para pensar a relação do espelho com o corpo envelhecido. A sensação de que o espelho denuncia a velhice é expressa por Maria Helena, que há dez anos, quando estava com uma amiga, ao se olhar no espelho se assustou, pois viu-se velha e exclamou: “Já começou!”. O espelho traz um novo componente para a imagem corporal: a imagem refletida do corpo, fiel, instantânea e em movimento. A formação da imagem de si mediada pelo espelho ao longo do processo de envelhecimento dá-se por meio das seguintes formas: pelo espelho o sujeito pode ter uma imagem atualizada de si, e no dia a dia pode notar o processo do envelhecimento; a corrente ideia

de que o espelho revela o corpo real do sujeito, com suas qualidades e imperfeições; a relação confessional que os sujeitos estabelecem com o espelho, pois com ele é possível ver aquilo que se quer esconder dos outros, admirar o corpo nu; ele proporciona também a possibilidade do jogo de atuação, na frente dele o sujeito pode se moldar e observar, murchar e inflar a barriga, esticar as rugas com as mãos, prender os cabelos, alterar a postura, a tez da testa, ensaiar posturas.

O segundo instrumento, a fotografia, é considerado uma prática social e cultural popular que possui uma função normatizadora, pois por meio dos álbuns de família constrói narrativas da classe média, compartilha os valores e o estilo de vida burguês. Ela também constrói, no nível individual, uma narrativa biográfica do indivíduo inserido no contexto familiar. É notória a relação da fotografia com a identidade, que por meio da representação imagética exprime a relação dual de pertencimento e exclusão. Olhar as fotografias atuais é processo penoso para as entrevistadas, uma vez que as fotografias consolidam uma imagem de si. Em meio a uma grande quantidade de fotografias, elas diziam não ter ou não gostar de nenhuma; o número de fotografias atuais já era perceptivelmente menor que antes.

Ao olhar as fotos em que estava muito acima do peso, Dirce parece não se reconhecer, chega a afirmar que não é ela; afirma que odeia ver-se assim, que está velha, gorda, feia e se recusa a aceitar. O mesmo ocorre com Monica, que agora não gosta mais de ser retratada; diz que foge pois a fotografia é pior, uma vez que mostra mais detalhes indesejáveis, que seriam imperceptíveis de outra forma. A fotografia materializa a imagem, retrata um presente desconfortável; há aqui um mal-estar da imagem pois ela representa justamente aquilo que quer ser negado, a velhice. Le Breton (2003) nomeia o ódio ao corpo, uma vez que este remete à fragilidade humana trazendo consigo o signo da morte.

OS SIGNOS DO ENVELHECIMENTO

O padrão ideal de beleza da mulher vigente é da mulher jovem e magra. No entanto é preciso questionar o que faz a mulher se perceber fora deste padrão, quais são os sinais do corpo que caracterizam o envelhecimento feminino e que conseqüentemente a colocam fora do ideário estético vigente. Ser feia para uma mulher é ser menos mulher, é perder a característica mais essencial atribuída pela sociedade, é perder o capital corporal que facilita o acesso ao matrimônio, à vida sexual e até mesmo à carreira (WOLF, 1992; GOLDENBERG,

2005). Ao longo das entrevistas três características do corpo envelhecido foram as mais recorrentes entre as mulheres: os cabelos brancos, as rugas e o ganho de peso.

A maior parte das mulheres entrevistadas tingem os cabelos brancos como uma forma de negar o envelhecimento, pois a eles está associada também uma carga de sofrimento. Algumas das entrevistadas gostariam de deixar os cabelos brancos naturais, no entanto foram desencorajadas pelas famílias por meio de críticas, como no caso de Lourdes, que tingem o cabelo por causa das críticas dos filhos. Elca acredita que usar cabelos brancos é um indicador da aceitação do envelhecimento, além disso é uma atitude libertadora. Usar os cabelos brancos também possui um sentido político: são sinal de empoderamento das mulheres idosas. A noção de empoderamento é baseada na transformação social pelos próprios agentes, assim ele é uma construção dos próprios sujeitos (KLEBA & WENDHAUSEN, 2009).

As rugas são um sinal de envelhecimento da pele; das rugas faciais, as que mais foram fonte de descontentamento foram as da região dos olhos. A quase totalidade das entrevistadas usa cremes antirrugos para evitar envelhecer. Dessa forma, é admissível então aferir que a relação das mulheres com as rugas é da seguinte ordem: as mudanças no rosto são sentidas como mais negativas, uma vez que o rosto é a marca da identidade; os olhos possuem lugar privilegiado na expressão, assim suas rugas acentuam ainda mais o envelhecimento; as práticas para evitar o envelhecimento da pele são acessíveis a todas por meio do uso de cremes e plásticas, sendo o envelhecimento do rosto visto como resultado da responsabilidade pessoal; o rosto é mais sensível aos danos causados por comportamentos tidos como prejudiciais à pele (fumo, dormir mal, não praticar exercícios); as práticas para impedir o surgimento de rugas não são aplicáveis às mulheres que não se enquadram no padrão estético de beleza, uma vez que elas apenas param a ação do tempo.

O último signo do envelhecimento é o peso. Ao fim da entrevista, quando pergunto para Anita como ela se percebe hoje, escuto uma resposta categórica: “Gorda!”. Assim como Monica, Dirce, Denise, Marly, Maria Helena, Catarina, Solange, Yara e Suzete estão insatisfeitas com o peso. É perceptível a preocupação das mulheres com relação ao peso visto que, dos critérios estéticos que compõem a beleza na modernidade, este é o que ainda pode ser controlado pelas mulheres idosas, já que a juventude não lhes é mais garantida. A insatisfação com o peso atual, o desejo de emagrecer e a insatisfação com o corpo são constan-

tes. Obter sucesso neste aspecto é passível de orgulho e exposição; ao contrário, o fracasso resulta em afastamento social, dificuldade de relacionamentos afetivo e sexual, sentimento de inaptidão, ocultamento e mal-estar com o corpo.

PERCEPÇÃO ESTÉTICA DO CORPO-PRÓPRIO

A formação da consciência do corpo-próprio não é tarefa fácil, é preciso que o sujeito elabore continuamente uma síntese das percepções do Outro, se compare com o Outro e ainda se autorreconheça. A formação da consciência do corpo é promovida pela via da ação, pois a experiência corporal é mediada pelos movimentos, sempre atualizada conforme se relaciona com o mundo. No entanto, o empobrecimento das experiências do corpo pode encobrir a tomada de consciência do corpo-próprio, assim ela se daria de forma parcial e levaria em conta apenas aspectos externos: seria pela via do reconhecimento pelo Outro e do reconhecimento do Outro, bem como por seus significados no jogo de símbolos sociais.

É possível explicar a percepção estética do corpo por meio de Circuito de Percepção Estética. Nesse circuito existem os Objetos Estéticos, que são os conjuntos de imagens e objetos sociais com que nos relacionamos diariamente (outros corpos, fotografias, imagens midiáticas, discursos sobre os corpos) e que serão chamados de O. Tais Objetos Estéticos O se encontram em fluxo constante em nossa sociedade e entram em contato com o sujeito denominado S. Esse sujeito S percebe esse Objeto Estético O e realiza uma operação individual que ocorrerá a partir de dois fatores: 1º) sua representação ou consciência do corpo-próprio, que tanto mais será desenvolvida quanto mais ação e consciência ele tiver do corpo de forma física e intelectual; 2º) a partir dos padrões estéticos que o sujeito considerar Internos ou Externos. Os padrões estéticos internos são aqueles forjados pelos sujeitos a partir de seu referencial social correlacionado com suas vivências e conhecimento de seu próprio corpo. Os padrões estéticos externos são aqueles que, embora também sejam socialmente compartilhados, são tomados de forma acrítica por incorporação, são padrões em geral criados e difundidos midiaticamente como respostas prontas para alcançar a satisfação.

Desta elaboração individual a partir das quatro variáveis: padrão estético interno ou externo e consciência corporal ou falta de consciência corporal, o Sujeito poderá apresentar quatro possíveis respostas: 1) Assimilação – pela qual absorve os padrões estéticos sociais: o su-

jeito recebe os objetos sociais e os aceita como ideais, uma vez que ele não possui consciência do corpo-próprio e se orienta a partir de padrões estéticos externos sem questionamento. 2) Negação dos padrões – o sujeito nega os padrões estéticos vigentes, uma vez que não possui consciência do corpo-próprio e possui referencial estético interno, ou em alguns casos pode não formular padrão estético nem interno nem externo, portanto não estabelece relações conscientes com o corpo e com a estética. 3) Síntese dos padrões estéticos – na qual o sujeito recebe e elabora os padrões estéticos dentro de suas expectativas de forma adaptada. Aqui o sujeito possui uma consciência do corpo-próprio desenvolvida, mas ancora seu padrão estético em parâmetros externos. 4) Subversão dos padrões – o sujeito rejeita os padrões estéticos estabelecidos e cria, dentro de suas possibilidades, uma estética própria. Nesta postura mais extrema o sujeito entra em contato com os objetos estéticos socialmente partilhados e não os incorpora, uma vez que ele possui consciência do corpo-próprio e se guia por padrões estéticos internos. No entanto essa subversão não pode ser radical, uma vez que o homem não consegue escapar da cultura.

A resposta dada pelo sujeito retorna como um novo objeto estético para a sociedade, que será percebido por outros sujeitos em sistema de circuito de fluxo constante. Mesmo sem consciência, o sujeito é responsável também pela criação de novos objetos estéticos ou pela reafirmação dos objetos estéticos vigentes.

Propõe-se aqui, então, uma terceira via da percepção, que é a via da percepção estética, uma vez que possui um componente estético e social. Seu resultado não é uma lembrança ou uma ação motora (como em BERGSON, 1990), mas sim um objeto estético, a depender do grau de consciência do corpo-próprio do sujeito e do seu referencial estético (interno ou externo). Neste sentido, aqui também o corpo é mediador da percepção, ele é tanto produto como produtor, ele é também ao mesmo tempo uma realidade tanto subjetiva como social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O padrão estético de beleza da modernidade associa os corpos das mulheres às características de magreza e juventude. Entretanto, ao envelhecer, as mulheres precisarão lidar com signos físicos do envelhecimento, que nesta pesquisa foram apontados como sendo os cabelos brancos, as rugas no rosto e o ganho de peso. A partir desta dissonância entre o que é considerado socialmente belo e a realidade corpórea, estas mulheres elaboram percepções estéticas diversas sobre o envelhe-

cimento. O processo de envelhecimento pode ser vivenciado de forma negativa, no qual as mulheres se sentem insatisfeitas com seus corpos e a partir daí assumem a postura de aceitá-los ou então de buscar intervir para alterá-los, ou até mesmo negar o corpo. Outra possibilidade é perceber o corpo envelhecido de forma positiva, mas realizando procedimentos para se aproximar dos padrões estéticos, aceitá-lo positivamente sem operar alterações.

Dessa forma o processo de formação da percepção estética foi entendido como um circuito fechado, no qual as imagens sociais chegam até o sujeito que efetua uma elaboração a partir de seus referenciais internos de consciência do corpo-próprio, consciência que é promovida também pela via da ação, uma vez que a percepção se dá no espaço/tempo. A subutilização do corpo na modernidade produz um amortecimento da percepção e, conseqüentemente, um empobrecimento da consciência corporal. O segundo fator que atua na percepção estética é o referencial estético no qual o sujeito se apoia, que pode ser interno (formado a partir de suas experiências e arcabouço cultural) ou externo (pela apropriação das imagens midiáticas). A partir desta elaboração ele pode reagir às imagens recebidas de quatro possíveis formas: absorvendo os padrões estéticos, realizando uma síntese destes, negando-os ou subvertendo-os. Todas estas respostas retornam à sociedade como forma de imagens que podem atuar como reforçadores dos estereótipos do corpo ou como novas formas de expressão.

Apesar de vivermos em uma sociedade que produz uma grande diversidade de imagens, sendo principalmente imagens de corpos femininos sexualizados, observamos que é possível estabelecer uma relação consciente com o corpo-próprio e criar imagens estéticas mais autênticas. A dimensão estética do corpo pode ser então utilizada como forma de empoderamento feminino e resistência perante o discurso do corpo como objeto de consumo na modernidade. As mulheres idosas têm assumido um protagonismo na produção de uma nova estética do envelhecimento feminino, criando espaços de divulgação de imagens que as representem. Desse modo, as imagens criadas por essas mulheres possibilitam um empoderamento feminino e uma produção de novos discursos sobre os corpos a partir de um posicionamento crítico. Neste sentido, as fotografias são usadas, muito além da representação do individualismo moderno, como meio de expressão de novas formas de se relacionar com os corpos. Superando o sentido de corpo como um sustentáculo do indivíduo, o corpo agora se abre para a possibilidade de uma ação política e questionadora da ordem social. ☞

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembrança dos velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CIAMPA, A. C. *A estória do Severino e a história da Severina*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FERREIRA, J.; HAMLIN, C. Mulheres, negros e outros monstros: um ensaio sobre os corpos não civilizados. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 3, p. 811-836, set./dez. 2010.
- GOLDENBERG, M. Gênero e corpo na cultura brasileira. *Revista Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 65-85, 2005.
- IÑIGUEZ, L. *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Trad. Joscelyne, V. L. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- KLEBA, M. E.; WENDHAUSEN, D. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. *Saúde e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 733-743, 2009.
- LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. 6. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003.
- *Antropologia do corpo e modernidade*. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- NAHOUM, J. A. La belle femme ou le stade du miroir en histoire. In: *Jornada de Psiquiatria do Vale do Loire*, 23., Abbay de Fontevraud, 2003.
- NOVAES, J. V. "Auto-retrato" falado: construções e desconstruções de si. *Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology on Line*, v. 7, n. 2, p. 131-147, 2007.
- ORY, P. O corpo ordinário. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. (orgs.). *História do corpo: as mutações do olhar – o século XX*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1945.
- PY, L. Envelhecimento e subjetividade. In Py, L., Pacheco, J. L., Sá, J. L. M., Goldman, S. N. (Orgs.). *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: Nau Editôra, 2004.
- SONTAG, S. The double standard of ageing. *The Saturday review*, n. 23, p. 29-38, sept. 1972.
- WOLF, N. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.